HVMANITAS

[Recensão a] Dias, Maria Manuela Alves e Gaspar, Catarina Isabel Sousa - Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português

Autor(es): Dias, Paula Barata

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27958>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_61_16

Accessed : 26-Apr-2023 11:02:36

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HVMANITAS

Vol. LXI

DIAS, Maria Manuela Alves e GASPAR, Catarina Isabel Sousa, *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 2006, 303 pp. ISBN: 972-9378-10-7

Acolhido pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, o projecto *Epigraphica* tem como objectivo elaborar bases de dados epigráficos do espaço português, preenchendo uma lacuna no espaço académico português, na medida em que as grandes recolhas de inscrições paleocristãs do séc. XIX e XX que integravam as inscrições portuguesas (Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Christianae*, 1871; Moreau-Marrou *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres*, 1925-1931; J. Vives, *Inscriptiones cristianas de la España visigoda*, 1969) careciam dos resultados de últimas descobertas arqueológicas e apresentavam leituras necessitadas de revisão de acordo com propostas interpretativas mais recentes. Acresce o facto de estas colecções incluírem material de autenticidade duvidosa, resultado, na sua maior parte, de obras como *Monarquia Lusitana* de Bernardo de Brito (1609) e *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende (1593) (AA., op. cit., p. 27; p. 32).

Assim, como bem indicam nas notas prévias, esta publicação inclui um Anexo de inscrições duvidosas (1-4) falsas ou suspeitas (pp. 277-288). A primeira inscrição é duvidosa quanto ao seu carácter cristão, mas pensamos que a segunda é duvidosa por não ter um conteúdo funerário (p. 278-279), e não por estar em causa o seu carácter cristão. No grupo das falsas ou suspeitas, estão incluídas três inscrições atribuídas a Martinho de Dume (pp. 281-283) segundo Gregório de Tours, uma delas um suposto epitáfio escrito pelo Bispo bracarense; inscrições renascentistas, sem conteúdo funerário (3, b), p. 284), compostas numa data posterior à definida pela recolha (3 c), p. 285; 3 h) p. 287), ou sobre as quais é difícil confirmar a sua origem cristã (3 f), p. 286. Salientamos que, deste grupo em anexo, apenas são alvo de tradução os poemas atribuídos a Martinho de Dume.

A bibliografia de confronto e referência usada por esta obra, rigorosamente elencada nas pp. 32-39, vem demonstrar, pelo seu carácter recente e minúcia analítica dedicada às inscrições individuais (trata-se, na sua maior parte, de artigos publicados em periódicos) o valor desta publicação por permitir reunir as mais actualizadas informações sobre peças epigráficas, que já tinham sido alvo de atenção pelas antigas colecções, ou que foram de identificação posterior.

As Notas Prévias incluída na publicação a recensear (pp. 25-31) apresentam um historial sumário da tradição das recolhas epigráficas relevantes para o espaço nacional e respectivas limitações, o que justifica inteiramente o carácter precursor e de novidade científica desta obra. São adoptados dois critérios geográficos e temporais que diferenciam esta publicação das suas congéneres anteriores, que estabelecem um crivo metodológico de excelente utilidade para os investigadores: o território português como baliza geográfica parece-nos defensável, na medida em que, para o período compreendido o espaço actualmente português pertenceu a três ordens políticas distintas (parcela de três antigas províncias romanas, a Galécia, a Lusitânia e a Bética, numa primeira fase; reino suevo e reino visigótico numa segunda fase; reino visigótico de Toledo, numa terceira fase). O critério temporal define-se entre o emergir das primeiras inscrições paleocrístãs (séc. III) e o início do período árabe (séc. VIII). As Notas Prévias estabelecem também as normas de edição adoptadas (p. 29) e os critérios de transcrição (p. 31).

A publicação está complementada pela inclusão de um CD que reúne o material gráfico (fotografias, desenhos, decalques) relativo a cada inscrição. Um segundo ficheiro em PDF (documentação gráfica 2) apresenta imagens de fragmentos de estelas decoradas provenientes de Mértola, cujos motivos indiciam ser possível fazer uma associação entre os motivos decorativos e a importância social dos defuntos.

A publicação inclui índices exaustivos: (pp. 291-303) de lugares (do qual se depreende a riqueza da região de Mértola na ocorrência de epigrafia paleocrístã); de nomes antigos documentados pelos epitáfios; de vocabulário (locuções, cargos religiosos, palavras, tal como surgem nos textos), de abreviaturas, de particularidades gramaticais dos textos (p. 300), de fórmulas, de datações documentadas nos epitáfios e, por fim dos museus, portugueses e estrangeiros, em que se encontram os monumentos epigráficos citados.

O rigor com que esta importante secção da obra foi elaborada é de extrema utilidade para quem deseja fazer uma utilização especializada da obra, já que ela fornece dados quantificados sobre aspectos linguísticos e culturais.

O *corpus* (pp. 41-275) agrupa as inscrições por distritos e, dentro destes, por concelhos, destacando-se, em número de ocorrências, o sul do país. O *corpus* constitui-se, na sua maioria, por inscrições de estelas funerárias, encontrando-se ocasionalmente inscrições votivas ou de dedica-

tória (e.g. nº 160, p. 265), critério de inclusão que se desvia um pouco dos propósitos assumidos na introdução e da remissão para anexo de alguns textos de conteúdo não funerário.

A organização da informação coligida é esmerada, e segue uma ordem constante: identificação, localização e cronologia, se conhecida, da inscrição, a que se segue uma apresentação sintética da inscrição, com informações sobre a sua origem e procedência. Segue-se a bibliografia específica da inscrição, a tua transcrição com base nos critérios fixados nas notas prévias, a tradução para português, as variantes de leitura fixadas pelos estudos anteriores (quando as há), e, por fim, observações que remetem para o confronto com outras inscrições, ou para as particularidades de vocabulário, de língua, ou culturais, destas inscrições.

Gostaríamos de destacar, desta recolha, os epitáfios da região de Mértola que denunciam, pela onomástica, pelo uso do alfabeto grego para grafia do latim, ser possível de assinalar a existência de uma comunidade cristã de origens orientais (ou tratar-se-á de comunidades orientais que se cristianizaram?), (cf. 58, p. 147 epitáfio de Eutiques; p. 148-151, nº 59-61 epitáfios sem nome) informação corroborada pela onomástica de origem grega, o que é coerente com o dinamismo e variedade de populações existente na Mértola portuária da antiguidade romana e tardia. A presença do grego nos epitáfios faz-se por via da helenização sofrida pelo latim dos cristãos. A adopção do ideograma ΙΧΘΥΣ grafado em latim, ou dos caracteres A e Ω, ou das abreviaturas de Cristo (XP, XPTO) são disso exemplo. Particulares casos de bilinguismo registam-se na mistura de léxico latino e grego comuns, como o que se verifica no epitáfio musivo de Baião, (p. 24) *Palladi, uiuas eusebios* “Paládio, que vivas piedosamente”. O epitáfio de Remisnuera, procedente de Braga e datado de 618, apresenta ainda a única ocorrência do hebdomadário religioso divulgado por S. Martinho (*secunda feria*). Perguntamo-nos se este tipo de ocorrências não poderá ser considerada mais um vestígio do contacto consistente dos hispânicos com o Oriente, na medida em que os dias da semana em grego obedecem a uma ordenação numérica, a mesma que foi adoptada pelo cristianismo e se tentou impor como disciplina de orientação temporal. Ou seja, a referência à “segunda feira” pode não ser devida ao facto de o apostolado de Martinho ter feito eco nos cristãos hispânicos, mas tão só uma tradução para latim de uma designação temporal do grego.

Um prefácio da autoria do Doutor Aires A. do Nascimento abre o volume e, em sintéticas palavras, (pp. 7-23) deixa ao leitor pistas que o

introduzem no tema da epigrafia. Pensamos que, pelo tom adoptado, se pretende o acesso a um público lato a um dos tesouros arqueológicos nacionais, “as pedras que falam”, sem, que, no entanto, fique comprometido o rigor científico. São, portanto, estas páginas construídas com esmero pedagógico e com as capacidades comunicativas que o seu autor nos habituou. Esta introdução salienta o facto de a epigrafia paleocristã testemunhar a implantação de um novo culto, sem que sejam abandonadas determinadas características, linguísticas, literárias e decorativas próprias do modo de na cultura romana se prestarem as derradeiras honras aos mortos.

Valiosa é também a análise sobre o carácter formular da linguagem epigráfica funerária, havendo cristalização e transmissão de procedimentos para as comunidades vizinhas. Seguir as semelhanças adoptadas na escrita dos epitáfios pode, por isso, indiciar o tipo de comunidades que os produziam e os eixos principais de comunicação entre elas. As observações que as autoras registam a propósito de cada epitáfio dão disso mesmo conta, isto é, das características e da recorrência destas noutras peças. Salientamos também, da introdução do autor, a referência à linguagem presente nos epitáfios, não obstante o seu carácter formular e submetido a automatismos, como testemunho da mudança de mentalidades e de mundividência entre os falantes de latim. Esse é um dos motivos que permite destacar a utilidade desta obra: uma recolha exhaustiva, de informação rigorosa, mas que não esgota as análises que podem ser feitas, de âmbito multidisciplinar, ao corpus reunido. Temos, portanto, neste volume, a celebrar a divulgação de um instrumento sólido e rigoroso de trabalho, produto de um centro de investigação português. Estão pois, de parabéns, os seus promotores.

Mencionamos dois aspectos que nos parecem discutíveis: esta edição não dispõe de um índice de matérias, o que deixa o leitor entregue a si próprio no folhear da riqueza informativa da publicação. Por outro lado, o “paleocristianismo” é uma categoria artística que, ao que saiba, não se estende até ao séc. VII.

PAULA BARATA DIAS (Universidade de Coimbra)